



## **“Preenchendo a lacuna da história regional”: propagandas de livros didáticos de História da Amazônia (Belém-PA, início do século XXI)**

Geraldo Magella de Menezes Neto\*

### **Introdução**

Uma das características da História ensinada no Brasil desde o século XIX é a valorização de fatos e personagens ligados à região sudeste do Brasil. Nessa narrativa, São Paulo e Rio de Janeiro, que possuem uma hegemonia econômica e política, aparecem como os principais centros nos quais se desenrolam os eventos importantes na história do Brasil, tidos como nacionais, que repercutem nas outras regiões. Como principal veiculador do saber histórico escolar, os livros didáticos que são adquiridos hoje pelo Ministério da Educação (MEC) e distribuídos nas escolas públicas brasileiras a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), acabam por reproduzir essa narrativa histórica voltada para o sudeste, reforçada também pelo fato das grandes editoras que dominam o comércio do livro didático serem sediadas nessa região. Marcos Lobato Martins ressalta que ainda hoje, nos livros didáticos empregados no ensino fundamental e médio, a trajetória republicana brasileira, por exemplo, é examinada à luz do “modelo paulista”:

São Paulo torna-se o Brasil quando o assunto é café, imigração, industrialização, trabalho e conflito social urbano, movimentos sindicais e populares, vida metropolitana, vanguardas artísticas etc. Se São Paulo assumia toda e qualquer positividade contida na ideia do Brasil moderno, urbano e industrial, nas outras partes do país frequentemente os estudos regionais adotaram uma perspectiva de negatividade, da falta, da carência deste ou daquele elemento que marcaria a distância em relação ao êxito paulista. O “espelho São Paulo” era o instrumento por meio do qual as diversas regiões brasileiras deveriam buscar a autocompreensão e a ação transformadora. (MARTINS, 2010: 142).

Ora, como um aluno de um estado do Norte do Brasil, por exemplo, pode se identificar com essa história narrada a partir de São Paulo? As complexidades históricas, econômicas,

---

\* Professor da graduação e da pós-graduação em História da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), e do ensino fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC). Doutorando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [geraldoneto53@hotmail.com](mailto:geraldoneto53@hotmail.com). O autor agradece à Faculdade Integrada Brasil Amazônia pela ajuda de custo para participação no *XXIX Simpósio Nacional de História: Contra os Preconceitos: História e Democracia*, em Brasília, na UNB, entre os dias 24 e 28 de julho de 2017.



sociais, políticas, culturais, etc, do Norte não podem ser reduzidas ao “espelho São Paulo”, que acaba, como bem ressaltou Martins, por atribuir características negativas às histórias das outras regiões brasileiras que não assumiram uma trajetória semelhante à de São Paulo. Nesse sentido, o livro didático de História pode reforçar uma sensação de superioridade histórica paulista à qual os demais devem se adaptar.

Nesse contexto, em alguns Estados há tentativas de se fazer uma história denominada de “regional”, cujo objetivo é valorizar a memória histórica local para “preencher a lacuna” da história ensinada. Notamos isso fortemente em Belém do Pará no início do século XXI, quando surgem várias editoras com um discurso regionalista, que adotam nomes simbolizando a Amazônia: editora Paka-Tatu, Estudos Amazônicos, Samauma, Açai. Essas editoras publicam vários livros didáticos e paradidáticos de História da Amazônia, destinados ao público escolar, sendo utilizados pelos professores nas aulas de História e da disciplina de Estudos Amazônicos.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar a produção de livros didáticos de História da Amazônia em Belém no início do século XXI, a partir de algumas questões: qual o discurso das editoras que publicam livros didáticos regionais? Quais as estratégias que as editoras utilizam para atrair o público? Devido os limites de espaço deste trabalho, e por tratar-se de uma pesquisa em andamento<sup>1</sup>, preferimos focar nosso texto na questão da propaganda dos livros didáticos. As fontes utilizadas são os próprios livros didáticos produzidos pelas editoras paraenses e os *sites* das editoras.

### **Editoras e o discurso regionalista em Belém do Pará a partir dos anos 2000**

O que é um livro didático? Há várias definições. Em nossa perspectiva, levamos em conta os aportes teóricos da história cultural, da história do livro e da leitura, pois entendemos que possibilitam não apenas a análise dos textos, mas uma compreensão mais ampla do livro didático. Nesse sentido, Circe Bittencourt aponta que o livro didático é um objeto de “múltiplas facetas” e possui uma natureza complexa, sendo “antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado.” (BITTENCOURT, 2013: 71). É também um “depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados

---

<sup>1</sup> Em 2016 iniciamos o doutorado em História Social da Amazônia na UFPA com o projeto “Preenchendo a lacuna da História regional”: Produção de livros (para)didáticos de História da Amazônia no início do século XXI, sob a orientação da Prof. Dra. Franciane Gama Lacerda.



pelas propostas curriculares”, além de ser um importante “veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura.” (BITTENCOURT, 2013: 72).

Ao compreendermos o livro didático como uma mercadoria e um produto do mundo da edição, devemos considerar o que diz Roger Chartier, de que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor.” (CHARTIER, 1990: 127). Nesse sentido, um fator importante para a análise do processo de produção e circulação dos livros didáticos está relacionado as estratégias de venda das editoras, que é a propaganda. Robert Darnton argumenta que toda a questão da propaganda do livro requer exame, pois “muito se aprenderia sobre as atitudes em relação aos livros e o contexto de sua utilização” estudando a maneira como eram apresentados, “a estratégia de apelo, os valores invocados pelo discurso empregado – em todos os tipos de publicidade, das notícias dos jornais aos cartazes de muro.” (DARNTON, 1990: 124). Nessa direção, entendemos ser fundamental analisarmos o discurso regional das editoras paraenses, que se constitui num forte elemento de propaganda de seus livros.

Os *sites* das editoras na internet são uma importante fonte para investigarmos as propagandas das editoras paraenses. Fábio Chang de Almeida aponta como o historiador que trabalha com o Tempo Presente não deve negligenciar a internet como nova categoria de fonte:

Em função dessa significativa ampliação do espectro de usuários que colaboram com a construção da Internet, fica evidente que os historiadores do tempo presente não podem negligenciar o potencial da rede como fonte de pesquisa. O caráter efêmero da Internet torna ainda mais importante a tomada de consciência dos historiadores perante esta nova categoria de fontes. Muitos *sites* são retirados do ar sem aviso prévio e seu conteúdo pode ser perdido, visto à sua inexistência em outro suporte. Dessa forma, o pesquisador do Tempo Presente tem acesso exclusivo a esse material, pois ele só é acessível em uma restrita janela temporal. Como se estivesse em um trabalho de “arqueologia de salvamento”, o historiador torna-se responsável pela análise e também pela preservação da informação. Não fosse a sua intervenção, o documento poderia ser perdido em caráter definitivo. (ALMEIDA, 2011: 16).

Várias das pistas que temos sobre os discursos de divulgação das editoras se encontram na internet, em sites próprios das editoras e em redes sociais como o *facebook*. A divulgação dos seus livros nesses meios virtuais é uma tentativa das editoras de alcançar um público maior, além daqueles que estão em Belém e no Pará. Daí a importância de analisar os discursos de propaganda, que são elaborados dentro de uma estratégia editorial cuidadosamente planejada.

A partir dos anos 2000, várias editoras em Belém publicam livros voltados à temática



amazônica, vários de cunho didático. Essas editoras utilizam um discurso regionalista, de valorização da história e cultura da Amazônia, a começar pelos seus nomes, que fazem referências, por exemplo, à fauna e a flora da região. Segue abaixo o nome de algumas editoras e os seus significados:

**Quadro 1: Nomes das editoras paraenses e seus significados**

Nome da Editora	Significado
<i>Estudos Amazônicos</i>	Referência à região Amazônica
<i>Editora Amazônia</i>	Referência à região Amazônica
<i>Paka-Tatu</i>	Simboliza dois animais presentes na região amazônica, a paca e o tatu.
<i>Açaí</i>	Referência a uma Palmeira ( <i>Euterpe oleracea</i> ), de cujos frutos se faz uma espécie de papa muito apreciada. (NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO VERSÃO 5.0, 2004).
<i>Samauma</i>	Faz referência a uma árvore gigantesca, da família das bombacáceas ( <i>Ceiba pentandra</i> ), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares. (NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO VERSÃO 5.0, 2004).

Além do nome, o discurso regionalista também é veiculado nos *sites* das editoras, que se apresentam com um perfil de estimular a publicação de obras de autores regionais, com temas regionais. A editora Paka-Tatu<sup>2</sup>, criada em 2000 por Armando Alves Filho, José Alves de Souza Júnior e José Maia Bezerra Neto, em Belém-PA, se apresenta como “focada em produzir livros de qualidade na região Norte do país”, tendo como perfil editorial “a proposta de estimular a produção de autores regionais e a publicação de títulos sobre a Amazônia, sem que isso se constitua em amarras.”<sup>3</sup>

A editora Estudos Amazônicos, criada em 2011 pelo editor Paulo Palmieri, divulga que “busca ser um canal de promoção da cultura amazônica, editando obras literárias, históricas e culturais de alta qualidade artística e técnica para, assim, divulgar o conhecimento produzido

<sup>2</sup> Sobre a editora Paka-Tatu e o processo de produção do livro paradidático *Pontos de História da Amazônia*, ver MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Do pré-vestibular ao paradidático”: o processo de produção do livro *Pontos de História da Amazônia* (Belém-PA, anos 1990-2000). **Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral** - Ficção e Poder: oralidade, imagem e escrita. UFC, Fortaleza-CE, 9 a 12 maio de 2017. Disponível em: [http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1496067751\\_ARQUIVO\\_Trabalhocompleto-EncontrodeHistoriaOraldoNordeste.pdf](http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1496067751_ARQUIVO_Trabalhocompleto-EncontrodeHistoriaOraldoNordeste.pdf)

<sup>3</sup> Ver: “Há 16 anos transformando ideias em livros”. *Site* da Editora Paka-Tatu. Disponível em: [http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=information/information&information\\_id=10](http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=information/information&information_id=10). Acesso em 03 ago. 2017.



na nossa região.” A editora aponta que “é responsável por garantir a visibilidade e o acesso do público a obras que auxiliam na formação de uma consciência crítica sobre nosso lugar.”<sup>4</sup>

Já a editora Samauma, ao argumentar que o início do século XXI tem sido marcado pela “incerteza da vida existencial e pela efemeridade das realizações humanas, distanciando o homem cada vez mais de suas origens e tradições, o que tem gerado múltiplas ações em busca da identidade”, se apresenta como “um espaço real para o resgate e preservação da identidade do Homem Amazônico”.<sup>5</sup> Nesse contexto de busca da identidade regional, a editora destaca:

Nesse sentido a editora não mede esforços para oferecer à nossa gente um amplo acervo literário de cunho didático, paradidático, técnico, contos, narrativas e outros, com o olhar sempre focado na diversidade da região amazônica. Buscamos disponibilizar às escolas e aos alunos desta região, bem como aos amantes da leitura, livros que sirvam de instrumentos para uma compreensão sistematizada dos costumes, tradições e saberes amazônicos e, que permita-nos a percepção de que somos sujeitos partícipes da História e, assim possamos reconstruir e ressignificar a nossa identidade numa perspectiva de valorização das tradições amazônicas no âmbito dos novos indicadores do mundo contemporâneo.<sup>6</sup>

O discurso regionalista das editoras paraenses passa por vários argumentos: o de estimular e oportunizar a publicação de autores regionais; promover a cultura amazônica, divulgando o conhecimento produzido na região; contribuir na preservação da identidade amazônica. Entendemos que esses argumentos são utilizados com uma função primordial: a de “marcar terreno”, ou seja, ocupar um espaço no mercado editorial visto por estas editoras como carente de publicações didáticas voltadas para a temática regional, no caso a amazônica. Não por acaso, esse discurso é reforçado nos próprios livros didáticos, com a fala dos próprios autores de que estão “preenchendo a lacuna da história regional”:

(...) percebendo a dificuldade de encontrar o conteúdo necessário ao conhecimento desses assuntos, [temas da História da Amazônia e do Pará] foi pensado, planejado e editado o presente livro.” (...) “Pontos de História da Amazônia, volume I, tem como objetivo maior contribuir para superar essa dificuldade, enfocando temas da História da Amazônia e do Pará, relativos ao Período Colonial e ao Período Imperial.” (ALVES FILHO; SOUZA JÚNIOR; BEZERRA NETO, 2001: 7).

<sup>4</sup> Ver “Sobre”. Página da Editora Estudos Amazônicos no *facebook*. Disponível em: [https://pt-br.facebook.com/pg/editoraestudosamazonicos/about/?ref=page\\_internal](https://pt-br.facebook.com/pg/editoraestudosamazonicos/about/?ref=page_internal). Acesso em 03 ago. 2017.

<sup>5</sup> Ver “Samauma editorial”. Site da Editora Samauma. Disponível em: <http://www.samaumaeditorial.com/editorial.php>. Acesso em 03 ago. 2017.

<sup>6</sup> Ver “Samauma editorial”. Site da Editora Samauma. Disponível em: <http://www.samaumaeditorial.com/editorial.php>. Acesso em 03 ago. 2017.



(...) responder à carência do estudante paraense no conhecimento do nosso querido Estado do Pará em todos os aspectos, numa abordagem desde a caracterização do físico/geográfico ao político/econômico, social e cultural. (HAGE, 2003: 9).

(...) das conversas com professores de história despertou-se para a importância de garantir novos debates sobre História da Amazônia, contribuindo para a superação da carência de material didático. (FARIAS, 2007).

Retomando as ideias iniciais deste trabalho, no caso do ensino de História a ideia de “preencher a lacuna” se refere basicamente à constatação de que os livros didáticos de História utilizados nas escolas priorizam a história do sudeste do Brasil. Daí uma tentativa das editoras e autores em buscar uma identidade regional a partir do conhecimento da própria história. Contudo, esse discurso deve ser problematizado, pois ao invés de valorizar a história da Amazônia e do Pará, esse “resgate histórico” pode também reforçar uma inferioridade, como se a Amazônia não fosse parte de uma história do Brasil, portanto, nacional. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, as buscas por uma identidade regional são mais visíveis nos Estados ou nos espaços “que são vistos e ditos ou que se veem e se dizem como periféricos, tanto em relação ao processo histórico, quanto à produção historiográfica do país.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: 55).

O discurso regionalista também deve ser visto de forma crítica porque se constrói a partir de um lugar social, com interesses diversos, produzido com seleções e exclusões do que deve ser considerado como “o regional”. Para Pierre Bourdieu, região “é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas”, a realidade da região é social, as classificações mais ‘naturais’ apoiam-se em “características que nada têm de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima.” (BOURDIEU, 2011: 115). Dessa forma, entendemos que o discurso regionalista também pretende ser hegemônico num dado contexto sócio-espacial, deixando de fora outros discursos que foram derrotados nas lutas de poder intelectual. Assim, nos discursos das editoras paraenses em relação ao regional, devemos ressaltar que se tratam de discursos a partir de uma realidade de Belém, que estão longe de representar a Amazônia como um todo.

### **Outros discursos de propaganda das editoras paraenses**

Além do discurso regionalista, as editoras paraenses se valem de outros discursos como estratégia para atrair novos leitores dos livros didáticos. Um recurso utilizado é destacar o



currículo acadêmico e profissional dos autores, editores e demais pessoas envolvidas na publicação dos livros.

A editora Estudos Amazônicos busca apontar em sua página no *facebook* a experiência e competência dos seus profissionais. A editora indica que o seu editor Paulo Palmieri possui “30 anos de experiência no mercado”. Sobre os autores que fazem parte da Estudos Amazônicos, a editora informa que “são historiadores, geógrafos, doutores, pós-doutores e especialistas que procuram compreender as transformações sociais e culturais que fizeram a História de nossa região e que definem a Amazônia como um lugar único.” Além disso, a editora reforça que possui “uma equipe formada por professores, pesquisadores especializados e profissionais qualificados nas diversas áreas”<sup>7</sup>

A editora Samauma possui em seu *site* uma seção intitulada “Autores”, na qual informa brevemente o currículo de cada um. Acerca dos autores da coleção Estudos Amazônicos<sup>8</sup>, a editora informa que: Leila Mourão é Graduada em História pela Universidade de São Paulo, Mestre em Desenvolvimento Sustentável pelo NAEA/UFPA e Doutora em Ciência Socioambiental (abrangência em História) no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU); Luiz Airoza é Graduado em História pela Universidade Federal do Pará, Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará, Doutorando em História Social do Brasil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui experiência profissional como docente do Ensino Superior e Educação Básica em Instituições públicas e privadas, desenvolveu atividades como Coordenador do Ensino Médio e Secretário Adjunto de Ensino, na Secretaria de Educação do Estado do Pará. Autor do livro “Cidade das Mangueiras: aclimatação da mangueira e arborização dos logradouros belenenses (1616-1911)”; por fim, Stela Santana é apresentada como Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará; Especialista em Agricultura Familiar e Sustentabilidade – UFPA. Possui experiência profissional como pesquisadora do Instituto Amazônico. pesquisadora do Instituto Cabano em Defesa da Amazônia; Docente de Educação Básica.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Ver “Sobre”. Página da Editora Estudos Amazônicos no *facebook*. Disponível em: [https://pt-br.facebook.com/pg/editoraestudosamazonicos/about/?ref=page\\_internal](https://pt-br.facebook.com/pg/editoraestudosamazonicos/about/?ref=page_internal). Acesso em 14 ago. 2017.

<sup>8</sup> A coleção Estudos Amazônicos da Editora Samauma, cujos autores são Luis Otávio Viana Airoza, Leila Mourão e Stela Rodrigues Santana, é composta por três volumes: *As marcas da Amazônia antiga* (vol. 1), de 2012; *Os povos da Amazônia antiga* (vol. 2), de 2012; e *Os povos da Amazônia colonial* (vol. 3), de 2014.

<sup>9</sup> Ver “Autores”. *Site* da Editora Samauma. Disponível em: <http://www.samaumaeditorial.com/autores.php>. Acesso em 14 ago. 2017.



Percebemos tanto por parte da editora Estudos Amazônicos quanto na Samauma que há uma valorização da formação acadêmica dos autores. Reforçar a titulação acadêmica dos autores por meio da descrição de suas trajetórias, reforçando principalmente o título de “doutor”, é uma forma de dar legitimidade àqueles que escrevem sobre os conteúdos didáticos direcionados aos alunos das escolas paraenses. A titulação acadêmica é vista como comprovante de competência dos autores das editoras paraenses, e por conseguinte, da qualidade das suas publicações acerca da História da Amazônia.

A editora Paka-Tatu segue um caminho diferente das editoras Estudos Amazônicos e Samauma. Em primeiro lugar, a editora divulga o seu investimento em tecnologia, que possibilita a produção de livros didáticos digitais. Em seu *site*, com o título de “Editora Paka-Tatu, uma *startup* de tecnologia”, a editora comenta que:

A Paka-Tatu tornou-se, efetivamente, uma *startup* de tecnologia voltada à produção de uma nova geração de livros didáticos digitais interativos. A Paka-Tatu entende que o livro tradicional ou digital deve ainda ter a capacidade de se conectar com um sistema web que utilize documentários, reportagens, aulas e simulações computacionais como instrumentos de aprendizagem, contextualizados em atividades interativas, e por meio do qual haja feedback aos alunos e conexão entre os professores e seus estudantes.<sup>10</sup>

Ao dizer que é uma editora que investe em tecnologia, a Paka-Tatu se apresenta como uma empresa está “antenada” com as demandas atuais, sendo o livro didático um objeto que não deve se limitar ao impresso, mas estabelecer ligações com as mídias digitais. A editora também mostra que o livro digital interativo facilita o trabalho do professor, oferecendo inúmeras possibilidades de abordagens de conteúdos, e favorece a aprendizagem dos alunos.

Um caso de divulgação da Paka-Tatu que merece uma atenção especial é a do livro *Estudos Amazônicos (Ensino Fundamental, 6º ao 9º Ano)*, de Tiese Júnior. A descrição deste livro faz uma relação com a disciplina de Estudos Amazônicos:

No Estado do Pará, a disciplina que atende ao artigo da LDB, anteriormente mencionado, chama-se Estudos Amazônicos e, até onde sabemos, a falta de livros didáticos sobre a Amazônia brasileira e particularmente sobre o Estado do Pará é um desafio a ser enfrentado pela maioria dos professores e professoras que trabalham com as questões pertinentes aos temas amazônicos. Desejo profundamente a breve mudança desta realidade.

---

10 Ver: “Editora Paka-Tatu, uma startup de tecnologia”. *Site* da Editora Paka-Tatu. Disponível em: [http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=information/information&information\\_id=10](http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=information/information&information_id=10). Acesso em 14 ago. 2017.





Estudos Amazônicos é um livro que tem o propósito de fornecer subsídios que permitam aprimorar a construção de conhecimentos mais sólidos sobre a região Amazônica, em particular sobre o Estado do Pará.<sup>11</sup>

De fato, a disciplina Estudos Amazônicos foi criada para atender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que no Artigo 26 aponta que os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996). Segundo Tiese Teixeira Júnior, no artigo *Ditos e escritos sobre os Estudos Amazônicos, no Ensino Básico, do Estado do Pará*, a disciplina, que também pode ser denominada de Estudos Regionais ou de Estudos Paraenses, é ofertada na rede pública, do 6º ao 9º ano. Na rede estadual de ensino, sistema regular e modular, a disciplina é ofertada apenas no 2º ano. De acordo com a proposta curricular do ensino médio, da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC/PA), de 2003, a disciplina aparece na relação da parte diversificada, na alternativa B, do documento. A disciplina de Estudos Amazônicos pode ser lecionada por licenciados em Geografia, ou Ciências Sociais ou História. (TEIXEIRA JÚNIOR, 2016: 15).

Nesse contexto, o livro Estudos Amazônicos de acordo com a divulgação da Paka-Tatu também contribui para “preencher a lacuna” do regional. Mas desta vez, a editora relaciona isso com a disciplina de mesmo nome reforçando que o livro é importante para os professores ministrarem a disciplina de forma satisfatória. Ao reforçar a ideia de que faltam livros didáticos sobre a Amazônia e o Estado do Pará, a editora se mostra como comprometida em cumprir com a legislação, no caso, a LDB, e em oferecer aos professores um material de qualidade, que inclui, por exemplo, “algumas músicas como introdução ou fechamento dos temas estudados. Algumas delas são toadas dos Bois de Parintins — Caprichoso e Garantido. Outras, foram retiradas do repertório musical paraense”, e também “outros gêneros de nosso imaginário cultural, tais como a prosa e a poesia.”<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Ver “Estudos Amazônicos (Ensino Fundamental, 6º ao 9º. Ano) – REIMPRESSÃO”. Site da Editora Paka-Tatu. Disponível em: [http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=product/product&path=59\\_93&product\\_id=696](http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=product/product&path=59_93&product_id=696). Acesso em 15 ago. 2017.

<sup>12</sup> Ver “Estudos Amazônicos (Ensino Fundamental, 6º ao 9º Ano) – REIMPRESSÃO”. Site da Editora Paka-Tatu. Disponível em: [http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=product/product&path=59\\_93&product\\_id=696](http://editorapakatatu.com.br/index.php?route=product/product&path=59_93&product_id=696). Acesso em 15 ago. 2017.



### **Considerações finais**

Neste breve trabalho, buscamos analisar algumas propagandas e discursos das editoras paraenses que publicam livros didáticos neste início do século XXI. Baseado nas concepções da história do livro, de Roger Chartier e Robert Darnton, entendemos que só a análise dos conteúdos, algo muito comum em trabalhos que tomam o livro didático como fonte, não é suficiente para investigarmos o livro didático. Muito do que se diz sobre o livro influencia na sua adoção pelas escolas e nos seus usos por parte de professores e alunos, sendo a propaganda um elemento essencial na tentativa de convencimento desses sujeitos em escolher determinado livro.

Além do próprio livro, em espaços como o Prefácio, a Apresentação e a quarta-capa, contendo, por exemplo, a fala dos editores e autores, a internet tem sido um meio importante de divulgação dos livros didáticos. As editoras paraenses têm buscado se adaptar aos novos meios de propaganda, utilizando a internet para ampliar seus canais de comunicação, tentando atingindo públicos de fora de Belém e do Estado do Pará. A estratégia mais utilizada é a do discurso da novidade, de “preencher a lacuna” da história regional, algo que as grandes editoras do centro-sul que dominam o mercado editorial didático brasileiro não contemplam.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, não abordamos aqui se de fato os professores de Belém e do Pará estão “comprando” a ideia das editoras, de adquirirem obras regionais, e os seus usos, o que vai ficar para a próxima etapa de nosso trabalho. O que podemos dizer é que as editoras estão se esforçando em produzir livros didáticos voltados para atender a demanda do regional. Mas a inserção desses livros nas escolas depende de variados fatores, como os econômicos, sociais, políticos e da própria concorrência, que não dependem apenas das estratégias de propaganda.

### **Referências**

Livros didáticos

ALVES FILHO, Armando Alves; SOUZA JÚNIOR, José Alves de; BEZERRA NETO, José Maia. **Pontos de História da Amazônia, volume I**. 3 ed. rev. ampl. Belém: Paka-Tatu, 2001.

FARIAS, William Gaia. **Amazônia Republicana: processos seletivos e outros temas**. Belém: Açaí, 2007.

HAGE, Dionísio João. **Estudos Paraenses e Amazônicos**. 2 ed. Belém: Distribel, 2003.



Sites:

Editora Estudos Amazônicos – Página no *facebook*

<https://www.facebook.com/editoraestudosamazonicos/>

Editora Paka-Tatu

<http://www.editorapakatatu.com.br/>

Editora Samauma

<http://www.samaumaeditorial.com/>

### **Bibliografia**

ALBUQUERQUE JÚNIOR. *Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. Fronteiras*, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*. Num. 8, vol. 3, Janeiro - Junho 2011, p. 9-30.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: **O poder simbólico**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 15 ago. 2017.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Novos temas nas aulas de História**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Do pré-vestibular ao paradidático”: o processo de produção do livro *Pontos de História da Amazônia* (Belém-PA, anos 1990-2000). **Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral - Ficção e Poder: oralidade, imagem e escrita**.



UFC, Fortaleza-CE, 9 a 12 maio de 2017. Disponível em:

[http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1496067751\\_ARQUIVO\\_TrabalhoCompleto-EncontrodeHistoriaOraldonNordeste.pdf](http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1496067751_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-EncontrodeHistoriaOraldonNordeste.pdf)

NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO VERSÃO 5.0, 2004.

TEIXEIRA JÚNIOR, Tiese. Ditos e escritos sobre os Estudos Amazônicos, no Ensino Básico, do Estado do Pará. *Bilros*, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 13-24, jul.- dez. 2016.